

O RELACIONAMENTO ENTRE ÁLVARO DE CAMPOS E ALBERTO CAEIRO (*)

Linhares Filho

Álvaro de Campos conhece a angústia sobretudo porque se esforça por seguir a lição sensacionista de Caeiro, e começa a intelectualizar a sensação, a ver, a sentir com a intensidade que o faz lúcido demais, passando de despreocupado, espontâneo e indiferente a um ser inquieto e dinâmico. Além disso, Campos utilizou erroneamente o ensinamento da sensação intelectualizada, aplicando-o de acordo com a sua origem e o seu meio: porque, homem da cidade, Campos foi um sensacionista que procurou sentir intensamente, isto é, com uma conscientização profunda, o avanço mecanicista da civilização, e Caeiro, vinculado a uma quinta do Ribatejo, sentiu intensamente a realidade primitiva, que é mais humana, embora Caeiro se desumanize também, porque o seu racionalismo, que redundava num idealismo materialista, vê muito concreta essa mesma realidade. Angustiado e cansado de acompanhar, num esforço consciente, a marcha da civilização, de confundir-se com a máquina, Álvaro de Campos percebe os apelos do humano inserido em sua natureza; por isso tende ao repouso e ao sono, do mais profundo do seu desencanto, ao mestre Caeiro, a quem respeita apesar de tudo, dirige esta queixa:

(*) Tra a-se da transcrição de capítulo do livro de Linhares Filho, **A "Outra Coisa" na poesia de Fernando Pessoa**. Fortaleza, UFC/PROEDI, 1982.

Por que é que me chamaste para o alto dos montes
Se eu, criança das cidades do vale, não sabia
[respirar?

.....
Por que é que me acordaste para a sensação e
[a nova alma,
Se eu não saberei sentir, se a minha alma é de
[sempre a minha? (OP, p. 370) (1)

Mais humanas que as atitudes idealistas e exageradas de Caeiro são as das clareiras abertas na mata do dinamismo da obra do Campos Whitmaniano, nas quais ele sempre liga a Natureza à memória da infância, como ocorre em "Lisbon Revisited" (1923), "Ode Triunfal" e "Ode Marítima", num gesto natural do humano no homem, integrado, mas por um esforço da consciência, na civilização da máquina. Em plena explosão da "Ode Triunfal" declara Campos: "Nem sei que existo para dentro". (OP, p. 311) E essa consciência da supremacia dos valores espirituais como um clamor espontâneo do humano contra o caos tecnológico patentear-se, ainda, expressivamente, em passos do poema "O Sono que Desce sobre Mim": "É o sono de haver mundo comigo lá dentro / Sem que eu houvesse contribuído em nada para isso". (OP, p. 398)

Enquanto Alberto Caeiro elege o rio de sua aldeia como uma realidade grande na sua simplicidade, uma realidade particular, por isso superior à do Tejo, Álvaro de Campos, em "Lisbon Revisited" (1923), (página cuja mudança brusca de tom, do de revolta para o de ternura, é um dos seus principais valores estilísticos), foge dos aparatos, convencionalismos e tumultos da civilização, para, com uma atitude misantrópica, buscar no Tejo uma nesga da Natureza que se infiltra pela cidade, e por isso o define como "Pequena verdade onde o céu se reflete" (OP, p. 357): nessa composição ele vive, com a sensibilidade própria do seu caráter, a lição humanista, conquanto paradoxalmente isolacionista e anti-social, de Caeiro.

No poema "Mestre, meu mestre querido!", Campos, angustiado, entre as queixas que externa, dirigindo-se a Alberto Caeiro, escreve ainda:

1) Convencionamos a abreviatura **OP** para aludir a PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro, Aguilar, 1969.

Depois tenho sido eu, sim eu, por minha desgraça.
 E eu, por minha desgraça, não sou eu nem outro
 [nem ninguém.

 Prouvera ao Deus ignoto que eu ficasse sempre
 [aquele
 Poeta decadente, estupidamente pretensioso,
 Que poderia ao menos vir a agradar,
 E não surgisse em mim a pavorosa ciência de ver.
 Para que me tornaste eu? Deixasses-me ser
 [humano! (OP, p. 370)

O que Campos exprime aqui é, primeiramente, que, devido à sua autenticidade, entra em conflito com a personalidade que Caieiro lhe deu, e anula-se. O poeta decadente de que fala é o de antes do conhecimento do mestre, o do "Opiário": estático, páulico, esteticista, espiritualizado. Compreende-se, ainda, que o eu presente de Campos, que produz uma poesia essencial, de alto quilate, é a união de um eu intocado, primitivo com o eu do conhecimento de Caieiro: é uma personalidade nova que se caracteriza pela mistura, por isso conflituosa, cansada e sonolenta, mas devido ao esforço dinamista e desumano de sua segunda fase. Trechos da carta de Fernando Pessoa a Casais Monteiro sobre a gênese dos heterônimos esclarecem a contento aspectos importantes desses versos de Campos. Falando acerca do "Opiário", afirma mesmo Pessoa ali que esse é:

um poema de como o Álvaro de Campos seria antes de ter conhecido Caieiro e ter caído sob a sua influência. (...) em que tentei dar todas as tendências latentes do Álvaro de Campos, conforme haviam de ser depois reveladas, mas sem haver ainda qualquer traço de contacto com o seu mestre Caieiro. (...) e que dá o Álvaro em botão. (2).

Se bem que Alberto Caieiro diga que "Sentir é estar distraído" (OP, p. 236), o todo da obra de quem afirma que

2). PESSOA, Fernando. *Páginas de doutrina estética*. 2 ed. Lisboa, Inquérito, s. d., p. 203.

“Vi como um danado” (OP, p. 237) nega a compreensão normal desse conceito, entendendo-se que a própria distração seria premeditada, portanto, artificial, desfigurando-se como distração, ou estaria previsto no conceito em análise que o apuro dos olhos no ato de ver é que deforma, anuvia a visão das coisas, e a distração seria atingida por caminho oposto ao normal. Distração no sentido legítimo de abstração do mundo circundante ou indiferença é a que se compreende pela expressão “ver sem visão” (OP, p. 170), de Fernando Pessoa, que, se não fosse, como ele quer ser, um simbolista consciente, exprimiria, aí, com sinceridade, o seu distraimento. Qual o mais fingido, Caeiro ou Pessoa? Parece-nos que o primeiro seja mais que o outro. A “pavorosa ciência de ver” (OP, p. 370) — que Campos aprende de Caeiro e pela qual este dimensiona o homem (“Porque eu sou do tamanho do que vejo / E não do tamanho da minha altura...” (OP, p. 208) — é que é responsável pela desumanização de Campos, que, no sono e na distração próprios do clima decadentista e estático, se encontra mais com o humano, para depois se ver obrigado ao sono e ao cansaço em face de conflitos mais graves, isto é, em face de o heterônimo querer acompanhar, com um refletir/perceber aprendido de Caeiro, o mundo da evolução tecnicista:

A calma que tinhas, deste-ma, e foi-me inquieto
[tação.

Libertaste-me, mas o destino humano é ser escravo
[cravo.

Acordaste-me, mas o sentido de ser humano é dormir
[mir. (OP, p. 370).

Esse “Acordaste-me” revela o sono e a distração de Campos antes da sua segunda fase. Quanto à distração, encontramos-la espontânea, segundo o testemunho poético do heterônimo, nos dois sonetos escritos com data anterior à do “Opiário” (3-1914) e às dos poemas da segunda fase, se bem que Prado Coelho não se refira expressamente a tais sonetos, ao referir-se à primeira fase de Campos. Em verdade, o soneto “Quando olho para mim não me percebo” traz a data de 8-1913 e o soneto “A Praça da Figueira de manhã” a data de 10-1913. Em passagens dessas duas composições, percebe-se realmente o espontâneo distrair-se de Campos:

Quando olho para mim não me percebo.
Tenho tanto a mania de sentir
Que me extravio às vezes ao sair
Das próprias sensações que eu recebo.

.....
Nem nunca, propriamente reparei,
Se na verdade sinto o que sinto. [...] (OP, p. 301)

Há tanta coisa mais interessante
Que aquele lugar lógico e plebeu,
Mas amo aquilo, mesmo aqui... Sei eu
Por que o amo? Não importa. Adiante...

Isto de sensações só vale a pena
Se a gente se não põe a olhar para elas.
Nenhuma delas em mim serena... (OP, p. 301)

Quanto ao sono do Campos da primeira fase, se bem que buscado no ópio conforme o testemunho poético de versos do "Opiário" ("Caio no ópio por força") (OP, p. 304), constitui-se de qualquer forma num índice das "tendências latentes" do heterônimo, que intimamente já reconhecia que na postura do sono estaria o verdadeiro "sentido de ser humano". Comprova-se o que afirmamos com esta estrofe do "Opiário":

É antes do ópio que a minh'alma é doente.
Sentir a vida convalesce e estiola
E eu vou buscar ao ópio que consola
Um Oriente ao oriente do Oriente. (OP, p. 301)

Não obstante tudo isso, a entrega latente de Campos, não ao sono do ópio nem ao da extenuação, mas ao Sonho da imaginação poética, é que daria a possibilidade ao heterônimo de ele, não mais com a alma doente nem mais achando que "o destino humano é ser escravo", encontrar o verdadeiro Oriente, o da plenitude do Ser, essa "Outra Coisa".

Sem dúvida, o poético 'puro' é mais humano que o apoiado do "objetivismo absoluto" de Caetano, que, nos versos seguintes, se insurgindo contra a fantasia, dá margem a que se conclua, mais uma vez, que na obra ortônima e heterônima de Pessoa o sono é o estado mais definidor do humano:

[...] tudo o que existe, simplesmente existe.
O resto é uma espécie de sono que temos,
Uma velhice que nos acompanha desde a infância
[da doença. (OP, p. 239)]

Mesmo isolando a relação entre Campos e Caeiro, da qual surgem para aquele o fracasso e o desencanto decorrentes da distorção do sensacionismo em face do mundo supercivilizado, a poesia da terceira fase de Álvaro de Campos é válida por interpretar a realidade da existência e a dor humana universal e, ao contrário de Caeiro, que camufla o sofrimento, Campos, porque mais espontâneo e sincero, parece ser, efetivamente, a mais sofrida personalidade pessoana.

A intensidade da sensação de Caeiro é a prática, a nosso ver, não mais artística, porém mais intelectual do sensacionismo, daí ser considerado esse heterônimo mestre dos demais: é o que leva a intelectualização, embora muitas vezes negada, ao extremo. Abaixo dele está Ricardo Reis como alguém que sente disciplinando o sentir com o racionalismo neoclássico. Pessoa ele-mesmo é o que sente com uma consciência estética profunda, em que a intelectualização deriva mais para a imaginação compreendida como fantasia do que para o exagero da razão. Esta aparece nele disciplinando a imaginação, já que ele produz um simbolismo consciente. Álvaro de Campos, realista e sensível, é o ponto de encontro do modo de ser de Caeiro com o modo de ser de Pessoa.

Pelo que examinamos, concluímos que o chamado "drama em gente" da obra pessoana mostra que não só a perfeita conciliação do sentir com o pensar, senão também a predominância de um ou de outro (já que é impossível no homem a existência exclusiva de um desses elementos), redundando no absurdo negador da felicidade. Essa obra apresenta, com bastante eficácia estilística, a complexidade da vida, e uma coisa sugere na sua síntese: a realização do múltiplo autor e conseqüente possível realização do leitor, ambas pela Beleza, essa "Outra Coisa" que pode chamar-se de Sonho, lugar *entre-textual* do Ser. Condenados à dor, só nos resta cantá-la.